



## AS RELAÇÕES ENTRE MORTE E RELIGIÃO PRESENTES EM “A TERCEIRA MARGEM DO RIO” DE GUIMARÃES ROSA

Gustavo Tavares Cezar<sup>1</sup>, Alice Eller de Andrade Sathler<sup>2</sup>,  
Lídia Maria Nazaré Alves<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Acadêmico de Letras, Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) Campus Carangola, gustcezar@gmail.com

<sup>2</sup> Acadêmica de Letras, Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) Campus Carangola, aliceeasathler@gmail.com

<sup>3</sup> Doutora em Literatura Comparada, Universidade Federal Fluminense (UFF), lidianazare@hotmail.com

**Resumo:** O presente artigo busca analisar o conto rosiano, “a terceira margem do rio”, com a finalidade de entender o significado do título, à luz do seu enredo. Para isso, estabelecemos uma relação dialógica entre literatura e religião. Nossa hipótese, é que a terceira margem do rio seja uma alegoria da morte e da vida que lhe é posterior, a partir da análise do texto que aponta para peculiaridades religiosas do noroeste de Minas Gerais, presentes na temática rosiana, em geral e especificamente, no conto. Além de desenvolver esta hipótese abordamos o sentido da morte nas sociedades gregas, romanas, judaico-cristãs e comunidades indígenas do Brasil, no geral.

**Palavras-chave:** Literatura; Morte; Religião; Crença; Cultura.

**Área do Conhecimento:** Linguística, Letras e Artes

### INTRODUÇÃO

João Guimarães Rosa é, sem dúvida, um dos maiores e mais emblemáticos nomes da literatura brasileira. Seus neologismos e jogos de palavras dão um caráter único a seus textos, os quais, muitas vezes, são considerados pelos leitores, em geral, como demasiadamente densos e complexos para serem lidos. Um de seus mais famosos e discutidos contos é “A terceira margem do rio”, o qual será abordado no presente artigo.

Ao lermos somente o título deste conto já nos deparamos com um problema, não existe terceira margem em um rio. Este fato já provoca uma estranheza e desperta curiosidade no leitor pela narrativa que virá. Ao longo do enredo, deparamo-nos nos deparamos com uma família onde o pai, que sempre fora um homem ordeiro, certo dia, resolve entrar numa canoa, em um rio muito largo e extenso, perto de sua casa. Há uma resistência por parte de toda sua família para que ele não cometa tal ação, mas esta é ignorada e o pai prossegue com seu intento. Curioso, no entanto, é o fato de ele nunca ir a nenhuma parte, mas apenas permanecer na canoa, dentro do rio, sem nunca sair dela e nem dar atenção a todos os que o chamavam de volta para casa ou simplesmente tentavam manter contato. E, assim, os anos vão passando e toda a família daquele pai vai-se embora, permanecendo ali somente um de seus filhos, o qual é o narrador da história, por se sentir no dever de cuidar de seu pai.

Somente o título do conto já é suficiente para nos levar a debates, afinal, como pode haver uma terceira margem em um rio? Trazendo para uma linguagem metafórica, o que seria essa terceira margem? É possível defini-la? Representaria ela alguma alegoria? Se sim, de quê? Esse questionamento vai sendo ampliado, ao longo da narrativa, dificultando uma resposta direta e objetiva. De acordo com Carlos Andrade e Cardoso (2015), o conto tem o poder de prender o leitor a curiosidade de que seria essa tal terceira margem e em qual tempo e espaço ele estaria inserida.

Ao analisarmos o conto, estabelecendo uma relação com a religião, podemos citar também o trabalho de outros autores. João Leonel (2016), ao dissertar sobre a relação entre o texto literário e o texto religioso, afirma que há uma busca por temas, influências e intertextualidades que sejam comuns à literatura e à religião. Também podemos citar os supracitados Andrade e Cardoso (2015). Para isso, elaboramos o seguinte problema: com base nos estudos teóricos apontados, é possível estabelecermos uma relação entre o conto e os textos, crenças e hábitos religiosos que apontam para a existência de uma vida após a morte, ou ainda, há continuidade da vida após a morte? A hipótese defendida é que sim, é possível relacionarmos esta margem à morte e a vida póstuma.

A justificativa deste artigo consiste no entendimento que temos, como graduandos do Curso de Letras, de que a literatura, baseando-se nas teorias que sustentam as leituras e seu estudo, constitui-se como um espaço de experimentação que contribui para o amadurecimento das múltiplas interpretações possíveis de um texto. Noutro ponto, como cidadãos, acreditamos que este artigo possa contribuir para o estudo e a divulgação de um conto que é um marco na literatura brasileira. Sendo assim, nosso objetivo é analisar e discutir este conto, buscando estabelecer uma relação entre literatura e religião, ambos temas de nosso interesse. Quanto à metodologia, este artigo trata-se de pesquisa explicativa, a partir do estudo feito por outro teórico sobre a relação entre literatura e religião e como, no conto em questão, a influência da religião se faz presente.

## A RELAÇÃO ENTRE LITERATURA E RELIGIÃO

João Leonel afirma que “raramente se estudam aspectos religiosos em textos literários nos cursos de pós-graduação em Letras no Brasil” (2016, p. 49). Muitos são os fatores que podem colaborar para a perpetuação de tal realidade, mas não é nossa intenção discuti-los no presente artigo. Ainda sobre a relação contemporânea entre o fazer literário e a religião, Antônio Magalhães (2000) *apud* João Leonel (2016, p. 49), referindo-se ainda ao século XX, disserta sobre a busca atual de se dissociar estas áreas, segundo o autor:

[...] justamente no nosso século [século XX], a literatura procurou um distanciamento mais aberto e radical em relação à religião, cujas tentativas de criar textos sem alusão a temas teológicos na forma como a Igreja os tratou, ironizar tais temas ou se apropriar das narrativas bíblicas por meio de uma preocupação centralizada na estética são os maiores exemplos. (MAGALHÃES, 2000, p.22).

Como podemos observar, a literatura, nos últimos tempos, vem buscando afastar-se da religião e de seus valores, todavia, o que muitas vezes acaba acontecendo é, na realidade, como afirma Magalhães, o surgimento de uma nova forma de tratar os textos, personagens, valores e moral canonizados pela religião.

Tal fato pode ser explicado em nosso país, porque, embora a literatura, por vezes, busque se afastar da religião, é impossível fazer literatura em uma sociedade tão religiosa como a sociedade brasileira. A comprovação de tal argumento pode ser explicada no fato de que, de acordo com o censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2010, aproximadamente 87% da população brasileira identificam-se como cristãos, a religião predominante no país, mas além desses 87%, há ainda outros grupos religiosos e até mesmo aqueles que não possuem uma religião específica, mas possuem suas crenças pessoais sobre Deus. Mas buscar relacionar a literatura com a religião não é tão simples assim. Por exemplo, em se tratando dos cristãos, o grupo predominante no Brasil, sabe-se da existência de diversas vertentes dentro do cristianismo e como novas vertentes vêm surgindo ainda na atualidade. Basta analisarmos a quantidade de denominações, ou até mesmo igrejas sem denominação, existentes no meio evangélico em nosso país. Já em meio aos católicos, que continuam sendo maioria no Brasil, movimentos como a Renovação Carismática também fazem com que, em um mesmo segmento, haja visões e maneiras diferentes de entender e viver a religião.

Este entendimento sobre a variedade de pensamento dentro do cristianismo mostra-se útil e aplicável até mesmo ao estudo de outras religiões, uma vez que, da forma que cada indivíduo lerá, entenderá e aplicará os preceitos da Bíblia em sua vida de um modo diferente, alguns de forma mais rígida e fundamentalista; outros de forma também rígida, porém sem tanto fundamentalismo e até mesmo os adeptos do método histórico-crítico de ler os textos sagrados; em todas as demais religiões também, haverá variedades e variações de pensamento. Por isso, a necessidade de compreender a complexidade do estudo da relação entre literatura e religião. Tentar relacionar a literatura com religião, sempre acabará se tornando uma tarefa demasiadamente complexa.

No entanto, no conto “A terceira margem” do rio, há diversos elementos que remetem à diversas manifestações de religião e religiosidade, esses elementos se farão presentes ao longo de todo o enredo e, como veremos, mostrar-se-ão presentes também na vida das personagens, podendo muito bem implicar no significado do título e na possível alegoria que a canoa no rio represente.

Também é válido ressaltar que, para analisarmos a cultura e a produção cultural, dentre a qual a literatura está inserida, torna-se necessário lembrar que as bases da sociedade ocidental encontram-se na tradição Greco-romana e Judaico-Cristã. Essas tradições, ao longo dos séculos, foram moldando toda a vida, o pensamento, a filosofia e até mesmo a maneira de entender e encarar a morte no Ocidente, na maioria dos casos, todas as formas de sentido da morte em nossa sociedade

remetem ao pensamento destas comunidades. Nos tópicos a seguir, buscaremos analisar um pouco mais sobre como estas sociedades lidavam com a morte, buscando correlacionar seus pensamentos, crenças e atitudes com o enredo do conto.

## AS CRENÇAS E RITUAIS FÚNEBRES NA GRÉCIA ANTIGA

De acordo com Santos (2010), na Grécia Antiga, a morte demandava todo um processo que se iniciava na doença e enfraquecimento do indivíduo, sinais de que a morte estava se aproximando. A autora ainda ressalta a preocupação existente entre os gregos de se preservar a memória e os feitos daqueles que morriam, tais preocupações eram visivelmente expressas nos túmulos, por meio de inscrições funerárias, objetos fixados no túmulo que se relacionavam com as atividades da pessoa ainda em vida e, até mesmo, estátuas podiam ser colocadas em cima dos túmulos. Tudo isso, obviamente, variava de acordo com o *status* social de cada indivíduo. A autora ainda lembra que todos esses rituais eram mais que práticas sociais ou mesmo políticas, mas que também se relacionavam com a religião da época, afirmando que “É preciso lembrar que, numa sociedade como a da *polis* grega, separar religião e política não é inteiramente possível” (p. 361-362).

Em “A terceira margem do rio”, podemos perceber características semelhantes aos pensamentos e ritos fúnebres gregos, fortalecendo assim a hipótese de a terceira margem apontar para a morte e à vida após a morte. Há, no conto, um relato que se inicia antes de o pai entrar na canoa, quando ele ainda estava em seu processo de preparação. No conto, também é possível observarmos toda essa preocupação, tal como entre os gregos, em manter a memória do pai, principalmente por parte do filho que é o narrador. Todo o enredo está voltado para a vida de seu pai e, ao longo da narrativa, o tempo vai passando ao ponto de toda a família se mudar e somente aquele filho permanecer perto do pai, já ao final do conto, ele afirma que lhe apontavam uns cabelos brancos e sofria de velhice, evidenciando assim o passar do tempo. Todavia, mesmo com todo esse tempo, o filho jamais permite que a memória de seu pai seja apagada e constantemente está pensando nele e relembando seus feitos, indo ao rio onde o pai estava, tal como a cultura existente na Grécia Antiga.

A autora ainda afirma que “Os gregos pareciam acreditar que mesmo estando no submundo, ainda era possível a comunicação com os mortos e que estes poderiam ajudar ou prejudicar os vivos” (2008, p. 351). Durante todo o conto, vemos tentativas da família de se comunicar com o pai, embora, não tenham logrado êxito nessas tentativas. Vemos muitas tentativas de comunicação principalmente advindas do filho, que busca continuamente saber mais de seu pai e ter contato com ele e em todas essas tentativas ele sempre se refere ao pai com grande admiração e gratidão por tudo o que lhe fez ao longo de sua vida. Tais atitudes ainda nos remetem a mais um comportamento grego:

Demonstrar ingratidão para com os mortos era perigoso, não exclusivamente porque eles tivessem poderes para fazerem mal à pessoa pessoalmente, mas porque podiam se queixar à Perséfone e, com isso, desencadear um castigo para a comunidade como um todo, em forma de más colheitas e infertilidade. (SANTOS, 2010, p. 351)

Porém, além das atitudes dos familiares, há características nas atitudes do pai que também podem ser analisadas à luz do sentido da morte nas comunidades gregas. Na tradição grega, após à morte, os indivíduos passavam a habitar no Mundo dos Mortos, o chamado Hades. Para chegar até ao Hades, os mortos passavam por uma longa viagem, que era conduzida por Hermes e o barqueiro Caronte, os chamados condutores de almas. Quando analisamos o conto, vemos que uma canoa fora encomendada pelo pai e, após embarcar nela, ele nunca mais retorna a terra e a sua vida comum, pelo contrário “só executava a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio, sempre dentro da canoa para dela não saltar, nunca mais.” Dessa forma, podemos entender a canoa como sendo uma analogia a viagem feita pelo pai, rumo ao Hades. Santos (2010) ainda cita que:

Uma vez desfalecido, o indivíduo tinha sua alma transportada por Hermes do mundo superior para as margens das águas infernais, aonde era entregue aos cuidados de Caronte, que, em seguida, fazia a travessia em direção à Terra dos Mortos propriamente dita. (SOURVINOU- INWOOD, 1995: 306; ARGOLLO, 2006: 51 apud SANTOS, 2010: 354).

É curioso notar que a passagem para o Hades era feita em um barco que levava os mortos para “as margens das águas infernais” margens estas que os vivos não conseguem ver ou chegar até ela, assim como não conseguem ver ou chegar até a terceira margem de um rio. Se o rio no qual o pai esteve fosse um rio comum, acessível às pessoas e se o problema com o pai fosse a loucura, como por vezes é insinuado no conto, bastava que alguém ou um grupo de pessoas também entrasse em uma canoa ou barco e fossem até o homem para resgatá-lo mesmo que contra sua

vontade. No entanto, ninguém consegue realizar tal ato, o pai nunca consegue ser capturado e trazido à terra novamente.

O filho, por mais que desejasse rever e conversar novamente com seu pai, não entra no rio e, ao final do conto, sentado à popa, ele grita seu pai dizendo que tomaria seu lugar na canoa. Esta é a única vez em que o pai corresponde às suas expectativas. Porém, quando há a possibilidade real de ele embarcar naquela canoa, ele treme e teme, fugindo do lugar de onde estava. Nesse momento, é a primeira vez em toda a narrativa que vemos nitidamente a morte como sendo uma possibilidade “Porquanto ele me pareceu vir: da parte de além.” e é justamente o momento de maior tensão e medo enfrentado pelo filho. Após este acontecimento, não se ouve mais falar do pai e o pedido daquele filho é que, quando morrer, que façam com ele o mesmo, coloquem-no em uma canoa e o depositem naquele rio.

## **A MORTE NA ROMA ANTIGA**

Quando analisamos o sentido da morte nas comunidades romanas, podemos perceber algumas características semelhantes aos rituais fúnebres da Grécia Antiga. Segundo Bayet (2008 p.78 *apud* Oliveira 2008), a morte e seus ritos funerários são um dos pontos mais marcantes da vida e da religiosidade romana, todavia, como nos lembra Oliveira (2008), é complexo dissertar sobre a morte na Roma Antiga, devido às múltiplas influências culturais nela existentes. Oliveira ainda ressalta a relação existente entre o poder estatal e a religiosidade e como o politeísmo constituía-se como uma das principais marcas do império romano até a chegada do cristianismo.

O crescimento da religião cristã no Império Romano, que chegou ao ponto de se tornar a religião oficial do Império no ano 380 d.C. com o imperador Teodósio I, trouxe muitas mudanças na perspectiva romana da morte. Os romanos também acreditavam na existência de um mundo dos mortos, o qual, em Roma, recebia o nome de Manes. Na perspectiva pagã, a morte era algo a ser festejado, podendo estes festejos durar vários dias, os mortos também deveriam ser honrados pelos vivos, de forma a terem sua memória preservada.

Na cultura pagã romana, podemos perceber muitas semelhanças com a cultura grega sobre a morte; porém, com o crescimento dos ideais cristãos, toda a sociedade vai se transformando e a maneira de enxergar a morte acaba incluído nessas mudanças. Como nos lembra Oliveira (2008) a morte em Roma é uma mescla de significações e ressignificações de influências ideológico-religiosas, mas conforme sua influência vai crescendo o cristianismo constrói e delimita cada vez mais sua visão humanista da religião e da morte, com isso, toda a sociedade ocidental é influenciada pelos ideais cristãos, em consequência do poder e influência do Império Romano.

A influência judaico-cristã desperta nos romanos um sentimento mais humanista, de paz e esperança na crença da ressurreição e da eternidade, ao mesmo tempo em que sua pregação de um juízo final e condenação dos ímpios e incrédulos ao inferno acabam por interferir no comportamento social, por conta do medo que esta crença despertava nas pessoas.

## **O SENTIDO DA MORTE NAS COMUNIDADES JUDAICO-CRISTÃS**

Como dito anteriormente, as sociedades supracitadas, com suas filosofias e estilos de vida, acabaram por constituir as bases da civilização ocidental, todavia, há ainda nessa base outros elementos fundamentais: a moral e as crenças judaico-cristãs que, não só foram adicionadas ao modo de vida Greco-romano, como também tiveram a capacidade de influenciar e mudar os costumes destas sociedades, embora, também seja possível ver semelhanças destas culturas e de suas maneiras de enxergar a morte na religião cristã. Um exemplo disso pode ser encontrado no Credo Apostólico, um credo que resume as crenças básicas e fundamentais dos cristãos. Ao se referir a Jesus Cristo afirma que ele, após ser crucificado, desceu ao mundo dos mortos.

Ainda que judeus e cristãos possam ter divergências em muitas áreas, a explicação do surgimento da morte é comum a ambos e remonta ao livro de Gênesis, da Bíblia Cristã, quando Deus, após criar o mundo e colocar nele o primeiro casal, lhes dá a ordem de que poderiam comer livremente o fruto de todas as árvores existentes no jardim do Éden, exceto o fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal, pois se eles assim o fizessem certamente iriam morrer. De acordo com o relato de Gênesis, Adão e Eva, ao serem tentados, comeram do fruto proibido, desobedecendo a Deus e fazendo com que o pecado entrasse no mundo e com a entrada do pecado, consequentemente, vinha a morte. Tanto judeus quanto cristãos também acreditavam em um mundo dos mortos, porém, no presente artigo vamos nos ater mais ao pensamento cristão.

O cristianismo, como já dito, embora lide com a morte com profunda tristeza por estar se despedindo de alguém e por saber que a morte é consequência do pecado de Adão, traz ao mesmo tempo uma mensagem de otimismo e esperança. Para os cristãos o pecado gerou a morte, mas quando Cristo vem ao mundo e é morto crucificado ele vence a morte e garante a vida eterna ao lado

de Deus Pai para todos aqueles que nele cressem. Para os cristãos, após a morte, o indivíduo vai para o Paraíso, onde passará toda a eternidade desfrutando das delícias celestiais e livre de toda dor. Em contrapartida, aqueles que são incrédulos e pecadores estarão condenados ao inferno, considerado como um lugar de dor e sofrimento por toda a eternidade. Na visão cristã é impossível pensar e falar sobre a morte sem considerar o destino de cada indivíduo após morrer. Assim como na tradição grega e romana o destino de uma alma após a morte não pode ser acessado por aqueles que ainda estão vivos.

Como citado, algumas das marcas e influências desta religião cristã podem ser observadas no conto rosiano. As duas primeiras palavras do conto são “Nosso pai”, sobre elas Andrade e Cardoso (2015, p. 32) afirmam que “E o fato de o narrador se referir ao pai sempre com o pronome possessivo nosso – “nosso pai” –, desperta uma dialogia que clama por uma inversão: pai nosso.” Como é de conhecimento, “pai nosso” é a referência mais comum usada para a oração dominical, uma das orações feitas por Jesus Cristo e registrada no evangelho de Mateus, ensinada, decorada e recitada pelos cristãos até os dias atuais.

Também observamos ainda, no início da narrativa, quando o pai está se preparando para embarcar na canoa, o filho pede então que ele o leve junto. E a reação do pai foi “Ele só retornou o olhar em mim, e me botou a bênção, com gesto me mandando para trás.” Neste trecho vemos uma referência a um hábito muito comum entre os cristãos, tanto católicos, quanto protestantes, o de os pais, darem a bênção a seus filhos no início ou final do dia ou ainda quando estão de partida para algum lugar.

Há ainda dois fatos que nos remetem ao cristianismo no conto e, mais especificamente ao Catolicismo Romano. O narrador conta de uma noite em que a família e vizinhos fizeram fogueiras próximas ao rio e chamando pelo pai e rezando por ele. Posteriormente, a mãe chama um padre para que fosse até a margem do rio clamando ao pai para desistir da tristonha teima. Se analisarmos o conto sob uma perspectiva metafórica podemos supor que as rezas em questão configuram-se como petições pela alma do pai que já estava morto, uma vez que este é um costume católico, o de rezar pela alma dos mortos para que sejam iluminados e encontrem o caminho do paraíso. O padre, ao contrário do que o filho nos diz, pode muito estar fazendo uma encomendação do corpo à Deus.

Diferente do que acreditavam os gregos e romanos, no cristianismo, após sua morte, o indivíduo não consegue mais ter contato com os vivos. A única coisa que eles podem fazer por aqueles que ainda estão vivendo na terra seria, de acordo com a tradição católica, rogar a Deus pelos vivos, crença esta que não é um consenso entre todos os grupos de cristãos, tais como a vida após a morte, por exemplo. Mas essas pessoas tornam-se inacessíveis ao contato direto e pessoal. Há os creem que somente em ocasiões específicas que estas pessoas possam aparecer aos seres humanos. Isto é o que vemos o tempo todo no conto, um pai que, desde que entrou no rio, torna-se inacessível. Por mais que a família tentasse trazer o pai de volta, ela não consegue, nem mesmo quando todos estão reunidos próximos ao rio para que a filha apresentasse o neto ao pai, por mais que a filha chamasse, seu pai não aparecia, o que resulta em lágrimas de todos os membros da família. Sobre este acontecimento, embora não esteja explícito, podemos inferir a possibilidade de ele se referir ao dia do batizado do neto, uma vez que é tradição, no catolicismo, usar roupas brancas ao se batizar uma criança.

Quando olhamos atentamente para o conto, podemos, ainda, citar um último comportamento típico das comunidades cristãs frente à morte. Após a partida do pai, os parentes, vizinhos e conhecidos da família todos se reúnem junto a eles e pelos relatos que temos, no conto, permanecem ainda por algum tempo os ajudando. Tal comportamento sempre foi observado nas comunidades cristãs, em que, após a morte de alguém, os familiares e amigos sempre se juntam à família em solidariedade.

## **MORTE E RITUAIS FÚNEBRES NAS COMUNIDADES INDÍGENAS DO BRASIL**

Após dissertarmos sobre a morte nas sociedades e comunidades que constituem as bases da sociedade ocidental, resta-nos, ainda, analisar como os indígenas, as comunidades primitivas do Brasil lidam com a morte.

Nem todas as tribos indígenas veem a morte da mesma forma. Para os Rikbaktsá, povo que habita na bacia do rio Juruena, no noroeste do Mato Grosso, há uma troca de almas entre os seres do mundo físico. O destino dos mortos é diferenciado, conforme a vida que tiveram como humanos. Assim, alguns voltam como seres humanos ou como macacos da noite (espécie que os Rikbaktsá não caçam); e os que foram pessoas más, voltam como animais perigosos aos homens, como onças e cobras.

Para os índios Bororo, naturais do cerrado do Mato Grosso, os rituais funerários são de extrema relevância em sua cultura. Duram meses e durante este tempo, são realizados outros ritos de passagem, como o dos meninos para a vida adulta. Os Bororos acreditam que o mundo se torna

incompleto, com a morte de alguém e precisa ser “refeito”, quando ocorre o falecimento de uma pessoa.

No Parque do Xingu, o ritual fúnebre Kuarup, das tribos de origem Tupi, ocorre um ano depois da morte dos familiares indígenas. Neste ritual, troncos de madeira são colocados no pátio da aldeia, e são ornamentados como ponto principal de todo ritual. As famílias fazem homenagens aos falecidos, passando a noite acordados, rezando e chorando pelos que se foram. Assim, despedem-se pela última vez. Durante este ritual, que costuma durar dois dias, celebra-se também o rito de passagem feminino para a vida adulta. E, no segundo dia, os guerreiros lutam o Huka Huka. Os jovens guerreiros passam a noite se preparando para a luta, na qual o objetivo é tocar na coxa do adversário ou derrubá-lo segurando sua perna.

Para essa análise, levaremos em consideração o rito fúnebre do povo Tukano, indígenas que vivem no noroeste da Amazônia, às margens do rio Uaupés. Para eles, o enterro é feito de forma simples: a cova é o chão da maloca/casa e o caixão é uma canoa. Assim, a alma do morto vai para o rio do “mundo inferior”, para serem levadas pela correnteza desse rio subterrâneo, ao Oeste, e às regiões superiores do mundo, para que certos aspectos da alma reencarnem nos recém-nascidos da família original. Essa viagem que a alma faz, leva-a de volta para a terra, ao seu local de origem. Na narrativa sagrada do povo Tukano, o ancestral-Anaconda é o próprio rio no qual ele viajou, no sentido de Leste a Oeste, sendo este sentido uma ascensão da água para a terra, no qual o ancestral-Anaconda trouxe a humanidade para o mundo.

A partir disto, podemos ver no conto rosiano “A terceira margem do rio” algumas similaridades com a cultura indígena supracitada. Logo no início do conto, vemos,

Mas se deu que, certo dia, nosso pai mandou fazer para si uma canoa. Era a sério. Encomendou a canoa especial, de pau de vinhático, pequena, mal com a tabuinha da popa, **como para caber justo o remador**. Mas teve de ser toda fabricada, escolhida forte e arqueada em rijo, **própria para dever durar na água por uns vinte ou trinta anos**. (ROSA, 1994, p. 409, grifo nosso)

É possível afirmar que o pai estaria encomendando para si um caixão? Quando analisamos o conto, podemos notar o cuidado que ele teve ao encomendar tal peça, descrevendo com esmero o que queria e também podemos observar que a canoa fora feita sob medida, cabendo, apenas, o remador. Também é possível ver uma relação ente a “terceira margem” do rio na qual o pai estava ao rio do “mundo inferior” do povo Tukano, uma vez que, em ambas, a alma (ou a personagem, no caso do conto) segue em viagem para não voltar mais.

Outro detalhe que nos chama a atenção é que o filho, no final do conto, expressa seu desejo de ter seu corpo também colocado em uma canoa e lançado ao rio quando ele morresse. Ele afirma que “... que no artigo da morte, peguem em mim, e me depositem também numa canoinha de nada” (ROSA, 1994, p. 413). O filho chega a dizer que deseja ser depositado também numa canoinha, ou seja, os ritos funerários que deveriam acontecer no momento da morte daquele homem são todos iguais ao que aconteceu com seu pai, no passado, neste caso, o significado de toda a alegoria está ligado à morte.

## O SINCRETISMO RELIGIOSO NO NORTE DE MINAS GERAIS

Há uma razão para apresentarmos todas essas visões religiosas de morte que estão diretamente ligada à realidade vivida por Guimarães Rosa, uma vez que a região onde ele viveu é marca por um forte sincretismo religioso. Silva (2013) afirma que, mesmo com a escassez do clero no Norte e noroeste de Minas, o povo soube manter a fé católica, embora tenham vivido a prática de um catolicismo a seu modo. A escassez do clero, somada a uma população que vivia majoritariamente em áreas rurais, acabou por gerar um sincretismo religioso naquele povo. Leers (1977) *apud* Silva (2013), ao dissertar sobre a maneira que o povo da região vivia o catolicismo, afirma que:

Se na boca do povo o diabo já não é tão feio como se pinta, «a fortiori» a ignorância religiosa do povo não é tão grande como às vezes se dá a entender, nem em termos de saber, nem menos ainda em termo de viver. O homem do campo conhece o milagre e o santo melhor, às vezes, do que o padre, mas em sua existência não escolarizada não dispõe do estoque variado de conceitos e distinções que um intelectual usa no século XX. Isso coloca-o numa situação embaraçosa que deixa sem respostas as perguntas, provenientes da área da elite teológica, porque não a compreende sua desconfiança é como a ignorância dos três macaquinhos:

não vê, não ouve, não fala, conseqüentemente não sabe. Todavia, seu catolicismo como arte de viver é mais autêntico, profundo e pessoal que um manual de teologia dogmática em cinco volumes. (LEERS, 1977, p. 28)

Ao observarmos a fala de Leers, podemos perceber que ele, ainda que defendendo a autenticidade da fé católica do povo, reconhece o sincretismo ali existente. Uma vez que este povo, como dito pelo autor, não tem um conhecimento vasto e profundo dos questionamentos, indagações e respostas oferecidos pela religião católica, o sincretismo torna-se existente até como uma forma de trazer explicações aos questionamentos do povo. Torna-se necessário, então, analisar as crenças e influências de várias religiões e culturas para que se possa entender melhor o modo de crer e viver da região em questão.

## RESULTADO DA DISCUSSÃO

O presente artigo buscou dissertar sobre a relação entre a literatura e religião, mostrando como é complexa essa relação. Analisou ainda a visão e as crenças que os gregos tinham em relação à morte, mostrando como algumas das crenças e práticas deste povo podem ser encontradas no conto. Também foram apresentadas as mudanças de concepções sobre a morte que marcaram a Roma antiga, desde as concepções politeístas, inicialmente existentes, até a crença cristã monoteísta de Céu e Inferno. Os elementos da crença cristã também foram apresentados com mais clareza, bem como a maneira que eles se fazem presentes na narrativa. Algumas das crenças indígenas sobre a morte, em especial dos índios Tukano e pudemos ver também elementos de suas crenças sobre a morte presentes no conto. Em seguida, foi apresentado como todas essas crenças podem de uma forma ou outra serem existentes no conto, devido ao sincretismo religioso existente na região do Norte e Noroeste de Minas Gerais, onde Guimarães Rosa escreveu.

Como pudemos explicar, no conto rosiano, há a presença de elementos e crenças de várias sociedades, culturas e religiões que permitem sustentar e confirmar a hipótese de que a “terceira margem” do conto está ligada à alegoria da morte e da vida após a morte, na qual tantas religiões acreditam, desde os gregos e romanos, até aos judeus e cristãos, como também os indígenas, os povos primitivos no Brasil.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, C. A. B. de; CARDOSO, D. S. Um mergulho discursivo sobre A terceira margem do rio, de Guimarães Rosa. **Bakhtiniana, Rev. Estud. Discurso**, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 28-41, abr. 2015. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2176-45732015000100028&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-45732015000100028&lng=pt&nrm=iso)> Acesso em 29 de setembro de 2019.

ARRUDA, R.S.V. Rikbaktsá – Povos Indígenas no Brasil. Disponível em: <<https://www.pib.socioambiental.org/pt/Povo:Rikbaktsa>>. **Povos Indígenas no Brasil**, 2018. Acesso em 15 de Outubro de 2019

Bíblia de Estudo de Genebra. **A oração dominical**. 2. ed. Tradução de João Ferreira de Almeida, Revista e Atualizada. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.

Censo 2010: **número de católicos cai e aumenta o de evangélicos, espíritas e sem religião**. Disponível em: < <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/14244-asi-censo-2010-numero-de-catolicos-cai-e-aumenta-o-de-evangelicos-espiritas-e-sem-religiao>> Acesso em 11 de outubro de 2019.

Credo Apostólico. Disponível em: <<http://www.monergismo.com/textos/credos/credoapostolico.htm>>. **Monergismo**. Acesso em: 15 de outubro de 2019

HUGH-JONES, S; CABALZAR, A. Tukano – Povos Indígenas no Brasil. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Tukano>. **Povos Indígenas no Brasil**, 2018. Acesso em 15 de Outubro de 2019

LEERS, B. **Catolicismo Popular e Mundo Rural**. Petrópolis: Vozes, 1977.

LEONEL, J. Religião e linguagem literária: contribuições da literatura para a interpretação de textos religiosos. **Reflexão**, Campinas, 41(1): p. 47-59, jan./jun., 2016. Disponível em:

<<https://seer.sis.puccampinas.edu.br/seer/index.php/reflexao/article/view/3716>> Acesso em 29 de setembro de 2019.

MAGALHÃES, A. **Deus no espelho das palavras: teologia e literatura em diálogo**. São Paulo: Paulinas, 2000.

OLIVEIRA, E. S. A morte e a arte de morrer em Roma. Disponível em:<[http://www.congressohistoriajatai.org/anais2008/doc%20\(25\).pdf](http://www.congressohistoriajatai.org/anais2008/doc%20(25).pdf)> **Congresso História Jataí**, 2008. Acesso em: 14 de outubro de 2019.

ROSA, J. G. "A terceira margem do rio". In \_\_\_\_\_. **Ficção completa**: volume II Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 409-413.

SANTOS, S. F. Ritos Funerários na Grécia Antiga: Um Espaço Feminino. In: **I Congresso Internacional de Religião, Mito e Magia no Mundo Antigo**, Rio de Janeiro, 2010. Fórum de Debates em História Antiga. RJ: UERJ, 2010. v.1. p. 111-111. Disponível em: <<http://neauerj.com/Anais/coloquio/sandraferreira.pdf>>. Acesso em: 14 de outubro de 2019.

Silva, F. O. Sincretismo religioso nos festejos do catolicismo norte-mineiro. Uma abordagem. In 27º **Simpósio Nacional de História Anpuh**. Natal, 2013 Disponível em: <[http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364846835\\_ARQUIVO\\_Sincretismoreligiosonosfestejosdocatolicismonort1.pdf](http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364846835_ARQUIVO_Sincretismoreligiosonosfestejosdocatolicismonort1.pdf)> Acesso em: 15 de outubro de 2019.

VILELA, A. C. A. Kuarup - o ritual fúnebre que expressa a riqueza cultural do Xingu. Disponível em: <<http://www.funai.gov.br/index.php/comunicacao/noticias/4990-kuarup-o-ritual-funebre-que-expressa-a-riqueza-cultural-do-xingu?limitstart=0#>>. **Fundação Nacional do Índio – FUNAI**, 1969. Acesso em 15 de Outubro de 2019